



Uma leitura do candomblé como discurso social: JUBIABÁ de JORGE AMADO

ARACY MARIA NUNES DE SOUZA¹

ANALaura CORRADI²

NEUSA PRESSLER³

LUIZA ELAYNE C. AZEVEDO⁴

RESUMO: ESTE ARTIGO DESCREVE O DISCURSO SOCIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES, VIVÊNCIAS E AÇÕES RELACIONAIS ENTRE A SOCIEDADE ATRAVÉS DA OBRA LITERÁRIA, QUE JORGE AMADO (1912 - 2001) TROUXE PARA SEUS ROMANCES VIA SUAS PRÓPRIAS VIVÊNCIAS, ONDE SEUS PERSONAGENS RETRATAVAM A REALIDADE, O QUE ELE, O AUTOR, EM SEU TRABALHO DE OBSERVADOR E PARTICIPANTE DESTA REALIDADE PRESENCIAVA COMO UM INDICATIVO DE PROPOSTA AUTOBIOGRÁFICO, CONSIDERANDO A VIDA DO AUTOR. NESSE CASO, ESSA VIVÊNCIA FOI UTILIZADA PARA REPRESENTAR O CANDOMBLÉ, MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA AFROBRASILEIRA, NO ROMANCE JUBIABÁ PUBLICADO EM 1935. TENDO COMO REFERÊNCIA A ANÁLISE DO DISCURSO (FIORIN 2014) E COMO OBJETO SETE PASSAGENS DA OBRA LITERÁRIA QUE ABORDAM O CANDOMBLÉ NA NARRATIVA, MAGALHÃES (2003) SUSTENTA

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia-UNAMA, Pós Graduada em Psicopedagogia-UNINTER, professora de Língua Portuguesa/Literatura, Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP.

² Professora Titular do curso de graduação de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura- PPGLC da Universidade da Amazônia – UNAMA. Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia, Integrante do Grupo de Estudos Narramazônia (UNAMA/UFPA), ITA Interações e Tecnologia da Amazônia (UNAMA/ UFPA) e coordenadora do Grupo de pesquisa Capital Social e Cultural no contexto midiático contemporâneo e vice coordenadora Coletivo Ver- a Cidades. E-mail: corradi7@gmail.com.

³ Professora titular do curso de graduação de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura- PPGLC da Universidade da Amazônia – UNAMA. Doutora em do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos NAEA /UFPA, Integrante do Grupo de Estudos Agência Digital (UNAMA)

⁴ Professora titular do curso de graduação de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura- PPGLC da Universidade da Amazônia –Vice coordenadora do grupo de pesquisa Capital Social e Cultural no contexto midiático contemporâneo e Coordenadora do Coletivo Ver- a Cidades.E mail luindia@gmail.com.



UMA ANÁLISE QUE COLOCA ESSE DISCURSO INSERIDO EM UM CONTEXTO HISTÓRICO VIVENCIADO PELO NARRADOR/AUTOR, QUE RETRATA NA OBRA SUA IDEOLOGIA E SEUS CONCEITOS SOCIAIS. A ANÁLISE DE DISCURSO SERVE DE BASE PARA CATEGORIZAR O OBJETO A PARTIR DO NÍVEL FUNDAMENTAL DO TEXTO E DO NÍVEL NARRATIVO, DESCREVENDO CATEGORIAS QUE FAZEM COM QUE NA NARRATIVA SOBRE O ASPECTOS RELIGIOSOS E RITUALÍSTICOS DO CANDOMBLÉ NO LIVRO JUBIABÁ FAÇA-SE UMA LEITURA DE UM DISCURSO SOCIAL DEFENDIDOS PELOS PERSONAGENS PRESENTE NA OBRA. PERCEBE-SE QUE ESSE DISCURSO COLOCA O CANDOMBLÉ NÃO APENAS COMO UMA RELIGIÃO, MAS COMO AGENTE CONTRIBUINTE DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DA SOCIEDADE REPRESENTADAS NO TEXTO DE JORGE AMADO. O ROMANCE JUBIABÁ SOBRE O CANDOMBLÉ. ESTE NO ROMANCE CAMINHA COM A PRÓPRIA VIDA, É FATOR DETERMINANTE PARA O SOCIAL, NÃO HÁ COMO SER UMA RELAÇÃO DICOTÔMICA, POIS ELA É CONTRIBUINTE PARA ESSE PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO. JORGE AMADO SOUBE APRESENTAR EM SUA LITERATURA, ESPECIFICAMENTE NO ROMANCE JUBIABÁ, O VERDADEIRO ASPECTO DE LUTAS, DE SOBREVIVÊNCIA, DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA, DE VALORIZAÇÃO DOS ASPECTOS RITUALÍSTICOS DO CANDOMBLÉ. NA ELABORAÇÃO DE JUBIABÁ O AUTOR QUE ERA ENGAJADO NO MOVIMENTO SOCIALISTA, ACREDITANDO NOS IDEAIS DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DAS MASSAS EXPLORADAS PELA CLASSE HEGEMÔNICA. O PERSONAGEM ANTÔNIO BALDUÍNO NO DECORRER DA NARRATIVA PASSA POR PROCESSOS QUE O LEVARÃO AO FINAL DO ROMANCE A SUA EMANCIPAÇÃO, E A RELIGIÃO É UM DOS CAMINHOS QUE JORGE AMADO UTILIZA, NÃO APENAS AO REPRESENTAR A CULTURA NEGRA EM SEU SEGMENTO RELIGIOSO, MAS ABORDANDO OS ASPECTOS SOCIAIS COMO PRIMORDIAIS PARA QUE REALMENTE O CANDOMBLÉ POSSA SER UM MEIO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

PODENDO ASSIM CONCEITUAR SUA NARRATIVA COM UM TEOR SOCIAL, UTILIZANDO A OBRA JUBIABÁ COMO CONTRIBUINTE DESSE



PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DO CANDOMBLÉ COMO CONSTITUTIVO NA HISTÓRIA DA NAÇÃO BRASILEIRA.

PALAVRAS-CHAVE:

JUBUABÁ, TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, CANDOMBLÉ E NARRATIVAS REPRESENTADAS.

1 INTRODUÇÃO

As obras de Jorge Amado (1912- 2001) oferecem aos leitores e a todos que se dedicam ao estudo de suas narrativas um leque de interpretações e abordagens dentro de várias áreas do conhecimento. Não seria diferente em seu próprio campo de origem, a literatura como uma possibilidade de construção e representação de uma realidade.

Jorge Amado trouxe para seus romances suas próprias vivências, seus personagens retratavam o que o autor, em seu trabalho de observador e participante da realidade presenciava.

O autor em sua vasta produção abordou temas e personagens que eram extraídos do povo, e que representavam contextos diversos em diferentes épocas. O romance Jubiabá publicado pela primeira vez no ano de 1935 é uma narrativa que retrata essa característica de Jorge Amado, representa a realidade do negro na cidade da Bahia em um período repleto de questões sociais que marginalizavam e excluía qualquer forma de emancipação das classes menos favorecidas, onde encontra-se no personagem Antônio Balduino, protagonista do romance, a figura do negro que representa a cultura e o social da raça em suas diversas manifestações.

O livro é considerado um romance, mas apresenta questões autobiográficas, pois, Jorge Amado foi militante comunista. O personagem protagonista, Antônio Balduino personifica o homem negro explorado socialmente. Vive em uma favela, torna-se operário, até tomar frente nas questões sindicais aderindo à greve em busca de transformações sociais. O aspecto religioso acompanha toda a narrativa através do



personagem “Jubiabá”, pai-de-santo que acompanha toda a trajetória de Antônio Balduino.

Dentro dessas manifestações encontra-se a religião, especificamente o candomblé, que no romance é apresentado sob a ótica do personagem pai-de-santo Jubiabá, que dá título ao livro, e que ao longo do romance será uma das referências que Antônio Balduino se apropriará na construção de sua identidade e de sua construção social.

Na elaboração de Jubiabá o autor era engajado no movimento socialista, acreditando nos ideais de construção social e desenvolvimento crítico das massas exploradas pela classe hegemônica. Antônio Balduino no decorrer da narrativa passará por processos que o levarão ao final do romance a essa emancipação, e a religião é um dos caminhos que Jorge Amado utiliza, não apenas ao representar a cultura negra em seu segmento religioso, mas abordando os aspectos sociais como primordiais para que realmente o candomblé possa ser um meio de transformação social.

O discurso social presente na forma como Jorge Amado apresenta o candomblé no romance Jubiabá, tendo como objeto sete passagens do livro que abordam essa temática será o elemento norteador que constituirá o artigo, como esse discurso aparece na narrativa, como o autor constrói a participação da religião como um dos aspectos que contribuem para a emancipação do personagem protagonista Antônio Balduino, representa assim o discurso do próprio autor, que traz para a ficção suas vivências de religião como uma forma de resistência dos negros em busca de emancipação social.

Para a identificação desse discurso social presente na apresentação do candomblé o aporte utilizado será pautado na análise do discurso, primeiramente nos estudos trabalhados por Magalhães (2003) que concebe todo e qualquer discurso atravessado por formações ideológicas, revelando um sujeito no interior de uma luta de classes e o conceito de intencionalidade, onde o autor do discurso possui uma intenção e a transmite no texto e que precisa da história como contribuinte nesse processo, através de suas vivências. Esses conceitos serão sustentados por autores que abordam o candomblé e que se debruçam sobre a literatura de Jorge Amado como Rossi (2004), Sobrinho; Magalhães (2010), Carvalho (2011) e Prandi (2009), e por último os estudos mais específicos de Fiorin (2014), pautados nas categorias semânticas fundamentais e no nível narrativo do discurso que serão a metodologia usada para a identificação do discurso social proposto.



Deve-se entender que discurso social para esse artigo se fundamenta nos estudos de Magalhães (2003), onde a autora coloca que:

[...] O discurso não é uma construção independente das relações sociais, mas, ao contrário, o fazer discursivo é uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação. (MAGALHÃES, 2003, p.75)

O discurso faz parte do ser humano através da linguagem, e esta se manifesta pelo social. Um discurso social retrata as ideologias, as vivências, as concepções de mundo que o sujeito carrega, onde cada grupo ou pessoa terá sua própria bagagem cultural e social e a manifestará através de determinado discurso.

“Discursos envolvem conhecimento tanto dos eventos que constituem a realidade, tais como o que está acontecendo, como, onde, quando e quem está envolvido.” (TILIO, 1998, p. 100)

2. REALIDADE OU FICÇÃO

A década de 1930 especificamente assistiu a dois grandes debates que marcaram a arte de Jorge Amado: A questão racial que passa a privilegiar as dimensões socioculturais, ao invés das físicas e biológicas. E as discussões em torno de uma literatura engajada. (ROSSI, 2004). Jorge Amado traz o negro para o centro da revolução e da sua literatura. O negro agora é personagem principal, como Antônio Balduino do romance Jubiabá (1935), sua trajetória é contada, sua cultura e história apresentada, o negro é visto na sua totalidade, e sua literatura denuncia ao mesmo tempo em que valoriza o que antes era escravo, o que antes era minoria, o que antes era calado.

Jorge Amado apresenta uma literatura revolucionária, que dá voz a cultura negra, sua estética ganha o contorno de apresentar o povo, as minorias, o negro como personagens de resistência através de sua cultura, religião, manifestações, suas próprias vidas de luta, resistência e vitórias. (ROSSI, 2004)

É notável, então, como sua produção romanesca deste período forja um sentido de massa, povo e popular pregado ao pertencimento a uma classe, procurando alargar sua extensão a todos aqueles que, de alguma forma, encontram-se numa situação de exclusão e subordinação e possuam, potencialmente, capacidade de se tornarem sujeitos revolucionários. Através da leitura de Jubiabá, obra em que existe a forma mais bem acabada dos problemas que suscitam uma articulação entre as noções de raça e classe social, encontramos, em contornos mais nítidos, o modo como seu projeto literário promove sua “ida ao povo”, concebendo o negro, a miscigenação e o sincretismo como questões caras à Nação brasileira. (ROSSI, 2004, p.54)



Religiosidade aqui vivenciada de forma plena de cultura e resistência, que caminha na literatura Amadiana como mais um elemento afrodescendente de valorização e luta de toda a cultura negra, representada nas narrativas do escritor.

[...] Entre o centro e a margem, Jorge Amado escreveu pela margem (“em intenção de”); usou da literatura como voz para a não-voz em clara contestação aos processos de exclusão e dominação reinantes na sociedade. (SOBRINHO; MAGALHÃES, 2010, p.158)

A religiosidade do povo negro, suas manifestações, rituais, resistência são apresentadas no livro como elementos primordiais para o desenvolvimento social do personagem protagonista.

No livro, também se discute o aspecto religioso assinalando a espiritualidade como parte importante da vida dos grupos populares [...] Amado retrata, na figura de Jubiabá, o misticismo do povo da Bahia e suas ligações com as tradições e seus ancestrais afro-brasileiros. (CARVALHO, 2011, p.2)

Ficção e realidade se mesclam na obra Jubiabá, o discurso social de Jorge Amado é perceptível na construção de toda narrativa e especificamente nas passagens que retratam o candomblé, o autor dá voz aos processos ritualísticos, e mais do que isso, incorpora aspectos de luta e resistência que caminham junto com a religião. (CARVALHO, 2011)

Tendo como referência os estudos de Bakhtin (2003) que apontam para a intencionalidade que ocorre por parte do sujeito em todo em qualquer discurso, o que influencia a formação do enunciado, Magalhães ressalta que “segundo essa lógica não podemos estudar nenhum discurso sem nos apoiarmos na História, ou seja, o sujeito reflete o seu tempo, suas vivências, sua realidade.” (MAGALHÃES, 2003, p.81)

Nem sempre essa intencionalidade é percebida, ou mesmo o sujeito consegue através de seu discurso repassar suas intenções, mas sempre existe “um projeto consciente do sujeito, que traz implícita uma visão sobre a realidade refletida e que pode ser expresso de formas as mais diversificadas.” (MAGALHÃES, 2003, p.83)

De acordo com essas assertivas pode-se dizer que tratar sobre negritude e tudo que abarca o tema, a religião (em Jubiabá o candomblé) especificamente, não surgiu de uma ideia repentina do autor Jorge Amado.

A similitude passa a ser característica, não ocorrendo distorções, seja para um lado pejorativo, ou mesmo mistificando demais ou usando exacerbadamente alegorias ficcionais. O escritor retrata e descreve o que realmente é o candomblé. Prandi ressalta



que Jorge Amado “descreve em pormenores vibrantes cenas de rituais de candomblé, inclusive com trechos de cantos em ioruba, uma das línguas africanas usadas nos ritos” (PRANDI, 2009)

O capítulo “Macumba” do romance Jubiabá descreve os sons dos instrumentos musicais que compõem os rituais, as danças, a disposição dos integrantes da casa durante o culto, sempre esclarecendo ao leitor conceitos elementares para o entendimento correto do candomblé. (PRANDI, 2009)

Jorge Amado através do romance se posiciona frente a esse contexto histórico, traz para sua obra esse posicionamento. No romance Jubiabá pode-se elencar elementos do candomblé não como mera ficção ou conceitos subjetivos do autor, mas como um rigoroso estudo do contexto histórico e da ideologia socialista do escritor.

[...] todo processo de objetivação do fazer humano é orientado pelo momento subjetivo que pressupõe leitura do mundo, intencionalidade, conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, todo resultado obtido possui pretensão de validade objetiva.” (MAGALHÃES, 2003, p.81)

3 ANÁLISE DO DISCURSO SOCIAL DO CANDOMBLÉ NO ROMANCE JUBIABÁ

Sete passagens do livro Jubiabá de Jorge Amado foram selecionadas para a análise do discurso social que o autor se utiliza para representar o candomblé como elemento de luta e transformação do negro.

Dessas passagens, segundo Fiorin (2014), chega-se ao nível fundamental da semântica que “abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto” (FIORIN, 2014, p. 21). Para o discurso sobre candomblé chega-se a um elemento comum, que é a religião, e divide-se em duas categorias que são: refúgio versus luta.

CATEGORIA REFÚGIO- DISFORIA	
1	[...] Como nas casas ricas tinha a tradição do tio, pai ou avô, engenheiro célebre, discursador de sucesso, político sagaz, no morro onde morava tanto negro, tanto mulato, havia a tradição da escravidão ao senhor branco e rico. E essa era a única tradição. Porque a da liberdade nas florestas da África já a haviam esquecido e raros a recordavam, e esses raros eram exterminados ou perseguidos. No morro só Jubiabá a conservava [...] (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p.26)
2	[...] Isso de levar brancos e principalmente desconhecidos, para as macumbas, não dava certo. Podia ser um polícia que ia só para prender todo mundo. Uma vez tinham metido Jubiabá na chave, o pai-de-santo passara a noite lá, e tinham levado Exu. [...] (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p. 94-95)



Fonte: Pesquisa Bibliográfica. SOUZA, 2016

CATEGORIA LUTA-EUFORIA	
1	[...] Então o santo penetrou no meio das feitas e dançou também. O santo era Xangô, o deus do raio e do trovão, e trazia contas brancas pintalgadas de vermelho sobre o vestido branco. Veio e reverenciou Jubiabá que estava no meio dos ogãs e era o maior de todos os pais-de-santo. (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p.91)
2	[...] No altar católico que estava num canto da sala, Oxóssi era São Jorge; Xangô, São Jerônimo; Omolu, São Roque; e Oxalá, o Senhor do Bonfim- que é o mais milagroso dos santos da cidade negra da Bahia de Todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá. É o que tem a festa mais bonita, pois a sua festa é toda como se fosse candomblé ou macumba. (AMADO, Jorge. 2003. p.94)
3	[...] E desfilavam ante o pai-de-santo todos aqueles negros que queriam fazer despacho. [...] Era assim que a cidade se enchia, na madrugada seguinte, de coisas feitas que entulhavam as ruas e das quais os transeuntes se afastavam receosos. Vinha muita gente rica, doutores de anel, ricasças de automóvel. (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p. 103)
4	[...] Que adianta negro rezar, negro vir cantar pra Oxóssi? Os ricos manda fechar a festa de Oxóssi [...] O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada, nem dançar para santo. Pois vocês não sabem de nada. Negro pode tudo, negro pode fazer o que quiser. Negro faz greve, para tudo, para guindaste, para bonde, cadê luz? [...] Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também. (AMADO, Jorge. 2003. p.287)
5	Antônio Balduino vai para a casa de Jubiabá. Agora olha o pai-de-santo de igual para igual. E lhe diz que descobriu o que os ABC ensinavam, que achou o caminho certo. Os ricos tinham secado o olho da piedade. Mas eles podem, na hora que quiserem, secar o olho da ruindade. E Jubiabá, o feiticeiro, se inclina diante dele como se ele fosse Oxolufã, Oxalá velho, o maior dos santos. (AMADO, Jorge. 2003. p 316)

Fonte: Pesquisa Bibliográfica. SOUZA, 2016.

Fiorin (2014) trabalha com cada elemento das categorias semânticas de base de um texto classificando-os como eufóricos ou disfóricos, onde o “termo ao qual foi aplicada a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele a que foi dada a qualificação /disforia/ é visto como um valor negativo.” (FIORIN, 2014, p.23)

Pensando “refúgio” como uma forma em que o candomblé no texto tenta preservar uma história passada e que agora é vista como escravizada e sofrida, e “luta” como um discurso em que o candomblé sai do âmbito apenas religioso para adentrar a própria sociedade e ser usado no texto de Jorge Amado como um meio de resistência que precisa caminhar com o social para uma real transformação da realidade do povo negro, no nível fundamental da análise semântica encontram-se cinco passagens classificadas como



eufóricas e apenas duas consideradas disfóricas, remetendo dessa forma que Jorge Amado utilizou um discurso de cunho social sobre o candomblé em seu romance Jubiabá.

Identificada a categoria “luta” como preponderante nas passagens selecionadas sobre candomblé do romance Jubiabá, segue-se agora para o nível narrativo do discurso, que de acordo com Fiorin (2014) “a narração constitui a classe do discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizados” (FIORIN, 2014, p.28). Antônio Balduino, protagonista do romance Jubiabá dentro dos textos selecionados como objeto fará o percurso estrutural proposto por Fiorin (2014) que “compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.” (FIORIN, 2014, p.29)

“Na fase de manipulação, um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa.” (FIORIN, 2014, p.29) Jorge Amado através da passagem de número 1 e 2 no quadro REFÚGIO se utiliza do candomblé como lembrança de um tempo passado de glórias e liberdade. Pode-se perceber que nessa fase de manipulação para o personagem Antônio Balduino o candomblé é visto como um lugar de refúgio, de recordações de tempos antigos, mas que ainda não possui o valor de reconhecimento e luta. Para Fiorin (2014) dentro da categoria manipulação encontram-se formas de manipular, Jorge Amado nessas passagens sobre candomblé se utiliza da provocação. Antônio Balduino vivencia a religião, a conhece, a respeita, mas esta não é capaz de mudar sua realidade. O candomblé aqui nessas passagens provoca uma ação, mas ainda de forma negativa.

[...] Como nas casas ricas tinha a tradição do tio, pai ou avô, engenheiro célebre, discursador de sucesso, político sagaz, no morro onde morava tanto negro, tanto mulato, havia a tradição da escravidão ao senhor branco e rico. E essa era a única tradição. Porque a da liberdade nas florestas da África já a haviam esquecido e raros a recordavam, e esses raros eram exterminados ou perseguidos. No morro só Jubiabá a conservava [...] (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p.26)

“Na fase de competência, o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer”. (FIORIN, 2014, p.30) O discurso nas passagens 1, 2 e 3 do quadro LUTA apresentam o candomblé para Antônio Balduino já como dotado de poder.

Na passagem número 1 os orixás são percebidos como poderosos, e conferem ao pai-de-santo Jubiabá o reconhecimento e a reverência de sua figura. Os próprios orixás



atribuem o poder ao pai-de-santo, manifestando a importância do candomblé para Antônio Balduino.

[...] Então o santo penetrou no meio das feitas e dançou também. O santo era Xangô, o deus do raio e do trovão, e trazia contas brancas pintalgadas de vermelho sobre o vestido branco. Veio e reverenciou Jubiabá que estava no meio dos ogãs e era o maior de todos os pais-de-santo. (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p.91)

Na passagem de número 2 percebe-se a forma como o candomblé sincretizou com o catolicismo para resistir ao domínio do branco escravizador. Jorge Amado nessa passagem apresenta os orixás como participantes da realidade da Bahia e atribui a um deles a festa mais bonita que Antônio Balduino presenciava. Novamente encontramos o escritor dando poder ao candomblé dentro da narrativa.

[...] No altar católico que estava num canto da sala, Oxóssi era São Jorge; Xangô, São Jerônimo; Omolu, São Roque; e Oxalá, o Senhor do Bonfim- que é o mais milagroso dos santos da cidade negra da Bahia de Todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá. É o que tem a festa mais bonita, pois a sua festa é toda como se fosse candomblé ou macumba. (AMADO, Jorge. 2003. p.94)

E na passagem de número 3 percebe-se que mesmo causando um estranhamento o candomblé atrai ricos, intelectuais e pessoas que detém o poder econômico e social. Mais uma forma em que é estabelecido uma forma de poder. O candomblé passa a resolver os problemas até daqueles que o perseguiram. Antônio Balduino percebe a importância e a força que poderia vir da religião agora inserida na sociedade, com sua força e resistência.

[...] E desfilavam ante o pai-de-santo todos aqueles negros que queriam fazer despacho. [...] Era assim que a cidade se enchia, na madrugada seguinte, de coisas feitas que entulhavam as ruas e das quais os transeuntes se afastavam receosos. Vinha muita gente rica, doutores de anel, ricos de automóvel. (AMADO, Jorge. Jubiabá. 2003. p. 103)

“A performance é a fase que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa.” (FIORIN, 2014, p.31). Na passagem de número 4 Antônio Balduino percebe que o candomblé não está exercendo a função que poderia para contribuir na luta por transformação social. Jorge Amado na narrativa faz com que depois de presenciar uma greve em busca de melhores condições de trabalho e de vida, Antônio Balduino perceba que o candomblé é dotado de poder para contribuir nessa luta. Ele volta ao terreiro e convoca todos a participarem da greve, a se unirem, com a constatação que



todos juntos podem gerar mudanças. O discurso social torna-se definitivamente presente nessa passagem, o candomblé é um dos meios que Jorge Amado utiliza em sua narrativa para apresentar esse discurso.

[...] Que adianta negro rezar, negro vir cantar pra Oxóssi? Os ricos manda fechar a festa de Oxóssi [...] O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada, nem dançar para santo. Pois vocês não sabem de nada. Negro pode tudo, negro pode fazer o que quiser. Negro faz greve, para tudo, para guindaste, para bonde, cadê luz? [...] Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também. (AMADO, Jorge. 2003. p.287)

Por último temos a sanção. “Nela ocorre a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação.” (FIORIN, 2014, p 31) Na passagem de número 5 encontra-se essa constatação, Jubiabá reverencia Antônio Balduíno. O candomblé se rende ao social e vice versa, precisam caminhar juntos. Através dessas categorias pode-se dizer que Jorge Amado utiliza um discurso social para o candomblé na obra Jubiabá, presente nas narrativa do livro através das passagens que foram utilizadas como objeto da análise.

Antônio Balduíno vai para a casa de Jubiabá. Agora olha o pai-de-santo de igual para igual. E lhe diz que descobriu o que os ABC ensinavam, que achou o caminho certo. Os ricos tinham secado o olho da piedade. Mas eles podem, na hora que quiserem, secar o olho da ruindade. E Jubiabá, o feiticeiro, se inclina diante dele como se ele fosse Oxolufã, Oxalá velho, o maior dos santos. (AMADO, Jorge. 2003. p 316)

CONCLUSÃO

O candomblé foi vítima ao longo da história de muitos preconceitos e mesmo violência, devido ao vergonhoso processo de escravidão o negro era visto como raça inferior e seus cultos também concebidos como inferiores e profanos, já que a igreja católica dominante em nosso processo de colonização assim entendia e divulgava, perseguições foram sofridas, prisões executadas, terreiros fechados.

Compreender e ainda retratar através da literatura o aspecto religioso de uma raça marginalizada e sem voz na década em que Jubiabá foi escrito confere a Jorge Amado a assertiva de que sua literatura pode servir de referência para o que se denominou chamar de literatura social, Amado retrata em sua obra a magnitude cultural e social do candomblé, lhe dá um lugar de destaque e o coloca como contribuinte da emancipação social do negro.

A análise do discurso serviu de base para sustentar a percepção do discurso social que Jorge Amado imprime no romance Jubiabá sobre o candomblé. Este no romance



caminha com a própria vida, é fator determinante para o social, não há como ser uma relação dicotômica, pois ela é contribuinte para esse processo de emancipação. Jorge Amado soube apresentar em sua literatura o verdadeiro aspecto de lutas, de sobrevivência, de preservação da cultura, de valorização do candomblé. Podemos assim conceituar sua narrativa com um teor social, utilizando a obra *Jubiabá* como contribuinte desse processo de afirmação do candomblé como constitutivo na história da nação brasileira.

Perceber através da análise do discurso uma narrativa carregada de valores sociais para o candomblé e classificar esse discurso como de cunho social, faz da obra *Jubiabá* grande contribuinte no processo de luta e reconhecimento dessa religião.

O despertar que a narrativa Amadiana nos traz para o papel social do candomblé é a grande contribuição nesse processo de resistência, a conscientização através de suas narrativas de que a religião carrega suas convicções políticas, econômica, culturais e que precisa estar inserida na sociedade como manifestação genuína de luta, união, identidade e contribuinte na transformação da realidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARVALHO, L.D. **O candomblé na obra “Jubiabá” de Jorge Amado: O cotidiano dos adeptos e as estratégias e perseguições sofridas no início da década de 1930**. Revista Acta, São Paulo, v.1, 2011. Disponível em: www.assis.unesp.br Acesso em: 07 julho 2016.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15 ed. São Paulo 2014.

MAGALHÃES, Belnira. **O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v.3, número especial, p. 73-90, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **Religião e sincretismo em Jorge Amado**. In: SCHWARCZ, L.M; GOLDSTEIN, I.S. (Org). **Caderno de leituras: O universo de Jorge Amado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 46-61. Disponível em: www.companhiadasletras.com.br. Acesso em: 17 julho 2016.



SOBRINHO, A.C.M.T; MAGALHÃES, C.A. **Jorge Amado e as identidades às margens**. Revista Antares, RS nº 4- Jul/Dez 2010. Disponível em: www.ucs.br. Acesso em: 07 julho 2016.

ROSSI, L.G.F. **As cores da revolução**: A literatura de Jorge Amado nos anos 30. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004

TILIO, Rogério. **Discurso e linguagem**: uma perspectiva social. Unigranrio. Revista do Instituto Humanidades. v.7. nº 25. ABR-JU. 2008.